

Entre a realidade e a ficção: percepções sobre o universo de Harry Potter¹

Glória Bastos
gloria@univ-ab.pt
Universidade Aberta

Maria da Graça Nogueira Pinheiro
Agrupamento de Escolas do Amial

Resumo

Os livros protagonizados por Harry Potter constituem um sucesso de alcance mundial, sendo lidos por milhões de jovens. Consequentemente, o mundo que caracteriza a série tem sido analisado e criticado, sobretudo tendo em atenção as mensagens culturais que transporta. Sendo este universo lido e percebido por indivíduos culturalmente distintos, na investigação empírica realizada procurou-se avaliar a percepção de jovens de diferentes origens culturais, nomeadamente em aspectos relacionados com as questões de género (a predominância do poder masculino na série); questões de classe (as relações de poder entre os diferentes grupos sociais); questões de cultura e de identidade (coexistência de diferentes culturas em Hogwarts), tendo como base os livros da colecção e, de forma complementar, os filmes realizados. Pretendeu-se sobretudo verificar se o posicionamento às problemáticas apontadas variava consoante o género, a idade e a origem cultural e como é que se encararia um mundo regido por algumas das normas que marcam o universo da série.

Palavras-chave: Harry Potter, interculturalidade, género, classe social

1. Introdução

No mundo literário actual, nada se iguala ao fenómeno da série Harry Potter, que veio revolucionar a notoriedade das publicações para a infância e juventude, alterando as regras do jogo comercial, reinando imperiosamente nos primeiros lugares de venda em quase todo o mundo, consecutivamente, ao longo de várias semanas, e afirmando-se declaradamente como um dos mais lucrativos negócios financeiros dos últimos anos. Portugal tem participado nesse movimento internacional e os jovens leitores têm manifestado grande adesão ao universo literário apresentado. Este facto torna particularmente interessante uma análise centrada no modo como os leitores percebem certos aspectos que caracterizam esse universo, tendo em atenção as possíveis relações que é possível estabelecer com a realidade circundante.

Na verdade, nos últimos anos tem-se caminhado no sentido de uma compreensão de que é sobretudo através da linguagem, nas suas múltiplas formas de actualização discursiva – incluindo a literária –, que se operam formas de transmissão de "sistemas de crenças" ou de uma "visão de mundo". Constituindo o instrumento fundamental de comunicação entre os humanos, a linguagem serve múltiplas funções, como as palavras de David Birch tão bem

¹ Texto apresentado e publicado nas Actas do 1.º Congresso Internacional em Estudos da Criança. *Infâncias Possíveis, Mundos Reais*. Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, Braga, 2008 (ISBN: 978-972-8952-08-2).

descrevem (1991: 75): “Language is not simply a tool of communication (a popular idea still) but a means by which people demonstrate their commitment, in one way or another, to ideologies and ideas; a means by which people communicate not simply the meanings of words but the meanings of the social interaction and the social networks of which they form a part; a means by which people call for and effect change”. Também neste contexto, Robert Vion (1992) sublinha que um debate fundamental para o mundo actual, e que solicita uma aproximação pluridisciplinar às questões da comunicação, prende-se com o problema do lugar da linguagem “dans la construction des valeurs culturelles, la structuration de la vie sociale, ou l'édification de la personnalité” (p. 11). E estas três dimensões assumem, de facto, um papel primordial no contexto da presente análise.

Assim, partindo da análise do mundo que caracteriza a série Harry Potter, pretendemos apresentar algumas interrogações acerca das relações e dos papéis das mulheres e das diferentes classes sociais neste universo, bem como a questão da interculturalidade. Mas também compreender quais são os elementos essenciais da narrativa que contribuem para prender tanto a atenção dos jovens leitores. Na verdade este universo – que alguns classificam como um incentivo à concepção de um mundo patriarcal e convencional –, clássico nos detalhes de passagens secretas, espelhos falantes, com torres e masmorras, é também um reflexo dos tempos modernos, pois apresenta-se misto e multirracial.

2. O universo de Harry Potter: entre a realidade e a ficção

O sucesso da série protagonizada pela figura de Harry Potter depende, entre outros factores, de uma narrativa que joga, de forma bem conseguida, com o mistério, o entretenimento e uma certa ambiguidade, na medida em que mistura diferentes géneros e apela tanto a jovens como a adultos, em termos do destinatário. É neste palco de aventuras, emoções e factos revelados que Harry Potter se vai movendo, ora duvidando das suas capacidades e retrocedendo, ora enfrentando corajosamente o seu destino. A este respeito, Natov (2002: 126) sublinha que “the Harry Potter stories chronicle the process of the child's movement from the initial consciousness of himself as the central character in his story, a singular preoccupation with self, to a sense of his own power and responsibility to a larger community”.

De facto, o processo de crescimento do jovem herói é marcado por duas figuras centrais na narrativa: Dumbledore, o seu protector da Luz, o seu mentor e amigo, o seu pai substituto e verdadeiro confidente, mas também Voldemort, ironicamente, o seu protector das Trevas, pois nesta viagem de auto conhecimento e na procura da sabedoria, Harry Potter vai-se fortalecendo e vai compreendendo melhor os mundos subterrâneos do seu inimigo, saindo de cada confronto com Voldemort, mais protegido desse mundo negro, estéril e sombrio.

O caminho percorrido pelo jovem herói, desde a sua condição de miúdo inseguro e desamparado, um familiar desprezado e ignorado pelos tios maternos, até ao estatuto de Eleito, aquele em quem todos acreditam poder lutar contra o Mal, é acompanhado por estas duas personagens antagónicas. Ele surge como um órfão que é capaz de ultrapassar uma vida

cheia de adversidades, conseguindo igualmente deixar um legado de esperança. Neste sentido, seguem-se padrões que encontramos noutras narrativas, o que permite criar laços com uma “enciclopédia” comum a muitos leitores: Harry Potter é um herói cujas raízes vêm “from myth, from other stories; it comes from humble origins but has risen to fame” (Lesnik-Oberstein 2004: 184).

Na eterna luta entre o Bem e o Mal, entre a Luz e as Trevas, Harry Potter descobre que a verdadeira magia reside em acreditar verdadeiramente em si próprio, naquilo que na realidade pode fazer para encontrar o seu caminho. Segundo Crespo (2003:44-45) “Únicamente desde el conocimiento que de sí mismo obtendrá en el mundo de los magos – mundo de la imaginación, no lo olvidemos –, podrá resolver su personalidad en conflicto, integrando en ella distintas facetas de si mismo”. A sua aparente fragilidade entrelaçada com forças que o protegem e que o encaminham para a condição de herói de um mundo que durante anos desconheceu, a promessa da vitória contra o Mal, criam um mundo ficcional no qual leitores e espectadores de todo o mundo querem também ser felizes. Andersen (2003: 105), abordando o tema da magia e da cultura na obra Harry Potter recorda-nos que “There are always good and evil in every culture. Along with the good and evil in every culture, all cultures have a way to protect themselves from what opposes them”.

2.1 Um herói em missão

Harry Potter é, desta forma, um herói que parte numa missão de auto-conhecimento, abandonando o quotidiano que sempre conheceu, travando batalhas às quais, muitas vezes se escusa, mas que se afiguram como essenciais nesta viagem, contando com a ajuda de amigos e de forças invisíveis igualmente dotadas de poderes mágicos e que regressa novamente ao quotidiano, coroado de êxito e agraciando aqueles que o ajudaram com poder e reconhecimento. Maria Nikolojeva (2003: 127) classifica-o como herói romântico, “superior to ordinary human being, is one of the most common character types in children’s fiction. We encounter it primarily in fairy tales and fantasy, where the child is empowered by being able to travel through space and time, by possessing magical objects, or being assisted by magical helpers”. É também o herói mítico e fantástico que permite acreditar na esperança e na capacidade de ultrapassar problemas concretos. Black (2002: 244) afirma que “Harry Potter, then, is a set of modern symbols for the processes and truths that have been represented by hero and journey symbols through the ages”, isto é, os leitores ao viajarem nesta aventura mítica e fantástica “experience Harry’s journey through ‘seeing’ things with their imaginations, largely unaware of the symbolic process that brings them ‘real world’ understanding through Harry’s ‘unreal’ solutions”.

Do ponto de vista de uma criança com imaginação, o mundo está cheio de “Muggles”, pessoas que não os compreendem, que ditam normas sem nexos e não se interessam sobre assuntos relacionados com o inesperado e com o invisível (Lurie, 2003: 143) e, na verdade, a figura de Harry Potter encarna a própria definição de fantasia. E para Held e Held (1978: 120) “uma literatura fantástica de qualidade deve poder permitir à criança sair do real quotidiano

para melhor o compreender, o controlar e o ultrapassar”. O nosso protagonista é, de facto, um herói no qual se pode confiar e que podemos seguir nas suas aventuras a mundos fantásticos e desconhecidos mas que, em termos estruturais, seguem um padrão familiar, encontrado no conto tradicional, padrão esse que se divide em três momentos específicos: a partida, a iniciação e o regresso. E, com(o) ele, vencemos as inseguranças e os medos; assim, no final de cada livro, o leitor depara-se com um herói mais forte, mais próximo e mais humano. Harry Potter torna-se uma lenda para os feiticeiros de Hogwarts, uma vez que revela ser ele aquele que nada teme, aquele que vence o próprio medo, enfrentando-o, desafiando-o, e torna-se igualmente uma referência para os leitores, uma vez que se mostra humano, justo, fiel aos seus amigos, alguém em quem se pode confiar a própria vida, alguém que se apresenta como um semelhante: “Yet, Harry Potter is a child of his time, of the twenty-first century. [...] However, the appeal of Harry is exactly that he is not a hero of the Superman caliber, but as ordinary clumsy and bespectacled boy. A boy who turns out to have magical powers, yet a boy who receives most praise for his sporting achievements. A boy who is disobedient and curious, who is not at all brilliant in school, but quite average. A boy who has friends and enemies, who needs to eat and sleep” (Nikolajeva, 2003: 138-139).

Como veremos na apresentação dos dados do estudo empírico realizado, estes aspectos são significativos para a identificação do leitor com a personagem. Este jovem herói, marcado desde o primeiro dia de vida para grandes feitos e singulares aventuras, é um herói multifacetado que se dualiza entre o Bem e o Mal: “The most simplistic of the dualism implicit in popular hero stories is the good/evil opposition.” (Hourihan, 1997: 32). É neste conflito de interesses e posições, que o herói se encontra, se desafia e se ultrapassa. Cockrell (2002: 26) afirma que “Harry began his life as myth, as magic infant, the force that alone could hold evil at bay. Throughout the first four books, he has struggled to become a human boy instead, against the tide of other’s preconceived ideas of him”. Neste palco de emoções onde se confrontam a verdade e a mentira, o amor e o ódio, a beleza e a superficialidade, a sabedoria e o preconceito cria-se uma plataforma de vivências e de maturidade.

Harry Potter é, assim, um herói mítico, aguardado, misterioso, fabuloso, e ao mesmo tempo um herói familiar com o qual imediatamente se cria empatia e identificação. Grimes (2002) afirma que os livros são populares “because they satisfy our psychological needs. Male or female, child or adolescent or adult, we identify with this boy. He is good but not perfect. He is trying to find out who he is. He commands our sympathy because he is an orphan and lives with cruel relatives. We admire his loyalty to friends, his courage in face of danger, his kindness to those weaker than himself, such as Neville Longbottom and the elf Dobby. We covet the excitement of his life but feel relief that we are not similarly tested. (p. 121). Este parágrafo retrata bem a questão da forte identificação do leitor com a personagem e é, em grande parte, esta popularidade que quisemos aferir no estudo empírico realizado. Na verdade, e como afirma Crespo (2003: 44), “Los jóvenes lectores desde un primer momento reconocen en Potter a uno de ellos. Se identifican con él”. E independentemente da idade, os leitores acompanham de perto as aventuras do rapaz que não tendo aparentemente nada de especial, sendo

inclusive descrito com um rosto “magro e pálido, os joelhos ossudos, o cabelo preto e os olhos verdes brilhantes. Usava uns óculos redondos, ligados ao meio com fita-cola devido a todos os murros que Dudley lhe tinha dado no nariz” (PF, p. 24), infiltra-se nas recordações dos seus leitores, como se ele tivesse feito sempre parte do baú de memórias, mais ou menos simples ou complexas, de crianças, jovens e adultos que se cruzaram com este invulgar e tão familiar herói.

Este rapaz que acompanha as dúvidas, os medos e os mais secretos desejos de leitores tão diferentes em idade, nacionalidade, etnia, e credos é aquele amigo que nos ajuda a desabafar e a suplantar os mais secretos fantasmas. Através das aventuras do jovem feiticeiro, crianças, jovens e adultos de todo o mundo avaliam, consciente ou inconscientemente, o carácter e a grandeza das diferentes personagens. Enaltecem alguns dos valores veiculados por determinadas personagens e criticam negativamente outros associados a certas individualidades da série.

O universo descrito por Rowling é facilmente identificável pois é, de certa forma, representativo da sociedade actual. Grimes (2002) afirma que é essencial compreender o herói Harry Potter como um “rapaz real” (p. 99). Só partindo desta humanidade é que se compreenderá o seu destino épico. É desta forma que o protagonista partilha muitas das características de um qualquer rapaz da sua idade. Natov (2002: 128) sublinha que “Through her stories contain the usual global battle between the forces of good and evil, Rowling, I believe, is essentially a novelist, strongest when writing about the real world. Harry has a psychology; his problems need resolution in the real world”.

Por seu lado, para Blake (2002: 15), “Harry Potter is part of this political and cultural world. Harry is English”, enquanto Hogwarts representa “the multicultural contemporary England”. Neste mundo mágico, os feiticeiros também se revoltam contra a política defendida e praticada pelos diferentes ministros. Também criticam a inércia e a presumível corrupção dentro dos ministérios. Também duvidam sobre a credibilidade das notícias veiculadas pelos jornalistas, mesmo as dos mais reputados (cf., por exemplo, a personagem de Rita Seeker, a incansável jornalista do “Profeta Diário”).

Ao longo dos livros já publicados e acompanhando o crescimento das personagens centrais, nomeadamente Harry, Ron, Hermione e alguns companheiros mais próximos, é possível identificar muitas semelhanças com as vivências de jovens de idades próximas, nomeadamente na linguagem e na alimentação. Como afirma Eccleshare (2002: 74), “Writing for children has always played a part in identifying real aspects of society as well as constructing imaginary worlds”. Desta forma, não podemos esquecer que os jovens alunos de Hogwarts partilham um código comunicacional bastante actualizado, isto é, muito “Muggle”: “Ron deixou cair várias caixas, praguejou e fez um gesto feio com a mão a Fred”; “Não quero encontrar a minha irmã a curtir em público!”; “Ele ia naquela direcção – murmurou Harry [...] – ‘Bora daí’”; “- Estou a conversar com a malta! – protestou Ginny”; “Olha, vai-te curar!” (CF, pp. 85,106,108,234,306). Não só pela linguagem mas também pelas refeições, se verificam e testemunham hábitos alimentares (nem sempre muito correctos) permitidos na comunidade de

feiticeiros, nomeadamente na casa dos pais de Ron: “Mãe, há mais salsichas?”; Harry, Ron, Hermione e Ginny passaram “a maior parte do dia a jogar Quidditch [...] e a comer doses triplas de tudo o que Mrs. Weasley lhes colocava à frente.”; “– Era uma piada! – disse Ron, virando um frasco de Ketchup por cima das suas salsichas.” (CF, pp. 91,93,198).

2.2 Uma questão de identidade

Como já foi mencionado nos parágrafos anteriores, um fenómeno como o do Harry Potter não se resume nem se reduz aos livros que se lêem e aos filmes que se vêem. Os textos e as imagens fazem parte da identidade de quem consome, directa ou indirectamente, este produto: “while boy readers may identify with Harry’s heroism, girl readers, like the girls at Hogwarts, respond to him both as a motherless boy in need of love and as a romantic hero with special powers” (Eccleshare, 2002: 87). Na verdade, este fenómeno chega a qualquer parte do mundo e serve os interesses de consumidores culturalmente distintos, que se unem e se aproximam através deste interesse comum, deste embaixador intercultural privilegiado: crianças, jovens e adultos dos quatro cantos do mundo (basta recordar que os livros estão traduzidos para 62 línguas) deliciam-se com as aventuras deste pequeno herói, transformando a marca Harry Potter num produto da cultura global que espelha também os próprios consumidores de todo este universo.

A cultura é, por definição, uma fonte importante de identidade social e cultural e pode determinar a forma como as pessoas olham para si próprias, para o meio envolvente, para os outros em geral e pode determinar igualmente julgamentos sobre o modo de vida e sobre o mundo. Na verdade, este termo complexo, abrangente e multifacetado, é veiculado por diferentes símbolos e representações que ditam atitudes e moldam personalidades. O que se verifica é que todas estas interrogações que giram à volta do termo identidade, remetem quase sempre para a questão central e globalizadora da cultura. Denys Cuche (1999: 123-124) sublinha que estas duas noções não podem nem devem ser confundidas apesar de obviamente cruzarem os mesmos destinos. A cultura submerge de processos inconscientes, enquanto a identidade nos reenvia para uma norma de pertença necessariamente consciente. A construção da identidade faz-se no interior do grupo que determina e orienta as representações e escolhas dos seus membros. Esta construção elabora-se dum modo relacional que faz opor o grupo a que se pertence aos outros grupos com os quais se está em contacto. E é desta forma dinâmica e em permanente construção que a identidade se vai construindo. É nesta relação com o outro, que a identidade e a alteridade se vão articulando, o que pressupõe fazer caminhar lado a lado, a identificação e a diferenciação.

Assim sendo, identidade, quer seja a individual, a social ou a cultural, é um processo dinâmico que se vai construindo e reconstruindo ao longo da vida e, como tal, é feito de hiatos e de quebras que tornam todo este complexo processo continuamente inacabado. Identidade significa o que é singular no indivíduo e também o que é distinto; o que leva cada ser a sentir-se pertença de um grupo e ao mesmo tempo a excluir-se de outros grupos. Sendo a cultura uma fonte de identidade social, é importante ter em conta as diferentes representações que

são partilhadas pelos membros de um dado grupo. São estas representações partilhadas que permitem definir a posição de cada um dentro da sociedade (Neto, 1998: 438). Esta questão da identidade social define-se pelas diferentes pertenças na sociedade, e relacionam-se com determinadas questões como o género, a idade a religião. A identidade cultural é uma forma de classificação ou de categorização dos vários grupos sociais segundo o critério da diferença cultural. Ela é descrita a partir de determinadas características como a língua, a cultura, a personalidade. Não se recebe a identidade cultural de forma passiva, mas sim com consciência e representação daquilo que os indivíduos fazem de si em contraposição aos outros. É uma construção individual da mente que se torna colectiva na medida em que é partilhada por um determinado grupo. A este respeito, Gupta (2003: 77) afirma: “all readers (all persons actually) inevitably belong to a number of communities. Thus all readers would, for instance, be part of a linguistic group (speaking a specific language), would adhere to certain cultural norms (therefore to a cultural group), be identified with social class (in some sense belong to it), understood to be a member of certain employing institutions (be part of that institutional community), be part of an age-group, a gender-group, and so on. Each of these affiliations involves certain agreements with the group in question about how the world should be lived and understood”.

Fernando Gil sublinha que perceber tem implicitamente subjacente a noção de representação, o que faz pressupor que nada do que se processa ou recebe é inocentemente produzido, ou tão simplesmente é somente produzido. Tudo o que se pensa é re-produzido, é re-elaborado, é re-construído, é re-presentado, em função das representações que se adquiriram ao longo da vida. Segundo este autor (2000: 12) “em todas as formas de representação uma coisa se encontra no lugar da outra, representar significa ser o do outro que a representação, num mesmo movimento, convoca e reevoca”, isto é “o representante é um duplo do representado”. Na realidade, o que conta são as representações que os indivíduos constroem sobre a realidade social e as suas divisões, a forma como vêem a dicotomia nós e eles, funcionando esta dicotomia como um jogo de espelhos. As representações sociais, segundo Moscovici (2001: 12), referem-se a um conjunto de conceitos, de preposições necessários no quotidiano social. Todos somos responsáveis pela construção de significados que serão incorporados nas diferentes interações sociais que se desenrolam diariamente, assim como todos somos responsáveis pela própria teorização da realidade social.

No universo de Harry Potter a questão da identidade apresenta-se como centralizadora. A narrativa desenvolve-se à volta da odisseia da criança órfã que procura as suas próprias origens, as suas raízes, a sua família. Harry Potter, no início da história, tem muitas dúvidas sobre o seu verdadeiro *Eu*. O episódio do Chapéu Seleccionador que hesita em defini-lo como um Gryffindor, e como tal corajoso e bom, ou um Slytherin, desleal e mau, deixa marcas profundas na sua personalidade. Ele sente dúvidas a seu respeito e, frequentemente, sente-se perdido dentro do seu próprio grupo, os Gryffindors. “... sou um Gryffindor, eu sou.... Mas calou-se com uma dúvida a rondar-lhe o espírito.” (CS , p. 268). Os leitores seguem de perto as aventuras deste jovem feiticeiro, acompanhando as suas dúvidas, as suas angústias e

as suas incertezas. Harry Potter é o herói a quem foi negado um passado e uma infância feliz. É o rapaz que é incompreendido pela própria família e que se anula durante anos, tentando ocultar para si próprio e para os outros, a sua verdadeira identidade de feiticeiro. Harry Potter é também o rapaz que passou por cima de todas as provações e por todos os desafios e venceu. É aquele que simboliza a possibilidade de um presente e de um futuro melhor. De Rosa (2003: 183), comenta assim o percurso que os leitores realizam ao lado de Harry Potter: “Readers can leave their secure homes and journey with Harry as he struggles to learn about himself, his position in the world, and the world about him. On this journey together, young readers and their heroic protagonist can face dark, difficult trials necessary to survive in an adult world, whether wizardly or Muggle, and gain new insights that they can then share with their community”.

Na realidade, este herói não se esconde atrás de uma outra identidade. Ele é Harry Potter, o rapaz magro, de óculos, introvertido e, por vezes, envergonhado. Ele é, no fundo, um rapaz simples, alegre, comum a tantos rapazes da sua idade, com receios e sonhos idênticos, procurando a verdade e a beleza nas aventuras que a vida lhe reserva. Estas histórias “center on what children need to find internally – the strength to do the right thing, to establish a moral code. As hero, Harry must go beyond the apparent truth of things and, ultimately, learn to trust what he sees and act on what is right” (Natov, 2002: 137). Concluindo, este é o universo em que se globaliza a identidade de um herói humano e fraternal: “yet Harry the extraordinary young wizard also remains touchingly human, limited as all humans are but developing the will and the judgment to direct his quest toward a defense of others who are less than he – toward a state that is the stuff of his readers’ best dreams” (Pharr, 2002: 66).

3. O estudo empírico

O estudo empírico realizado pretendeu avaliar a percepção de indivíduos de diferentes géneros e origens culturais sobre o universo presente na série Harry Potter, em particular nos aspectos relacionados com questões de género (a predominância do poder masculino na série); questões de classe (as relações de poder entre os diferentes grupos sociais intervenientes); questões de cultura e identidade (a coexistência de diferentes culturas em Hogwarts e a identificação com a personagem principal), tendo como base os seis primeiros livros desta colecção e, de forma complementar, os quatro primeiros filmes realizados, e relacionando-os com uma sociedade organizada de forma semelhante ao universo Harry Potter.

Foi tido como pressuposto que os sujeitos farão uma avaliação diferenciada entre a importância do género masculino e feminino através da correlação com o que acontece em Hogwarts. Assumimos que (hipótese 1) os rapazes serão mais receptivos às afirmações que valorizam o género masculino, enquanto as raparigas darão menos acolhimento às afirmações que valorizem a supremacia do género masculino. Como sabemos, os estereótipos de género referem-se a sistemas de convicções a propósito de homens e mulheres e estão intimamente associados aos papéis de género, “crenças sobre a apropriação de vários papéis e actividades aos homens e às mulheres”, que por sua vez se explicam tendo em conta traços de género

generalizados, como por exemplo “os homens são mais robustos, fortes, etc” (Neto, 2002, p. 126). Partindo desta explicação, acreditamos que a escola, a sociedade e os meios de comunicação funcionam como veículos privilegiados da percepção de género e influenciam decisivamente na socialização dos estereótipos de género “quer reforçando noções tradicionais de género quer espalhando opções de comportamento” (Neto, 2000, p. 118).

Foi também considerado que os inquiridos poderão efectuar uma avaliação diferenciada das questões relacionadas com desigualdades sociais e relações interculturais que espelham, de certa forma, o discurso preponderante na sociedade e divulgado pela comunicação social, isto é, um discurso que apresenta de forma negativa as disparidades sociais e que procura acentuar a importância do diálogo entre culturas (hipótese 2).

Os participantes no estudo foram seleccionados tendo em atenção a origem cultural. A nossa escolha inclinou-se para uma amostra pertencente a jovens maioritariamente católicos do colégio Liverpool na cidade do Porto, a jovens maioritariamente luso-africanos da Associação Espaço Jovem do bairro de Santa Filomena na cidade da Amadora e a jovens maioritariamente muçulmanos do colégio Islâmico em Palmela, num total de 130 inquiridos. Os dados foram recolhidos através de um inquérito por questionário, aplicado em Março e Abril de 2006.

3.1 Análise dos resultados

Apresentamos alguns dados que consideramos mais relevantes para um artigo que tem, necessariamente, um espaço limitado. A nossa análise organiza-se em torno dos parâmetros definidos pelos blocos do questionário, pretendendo-se ilustrar a forma como as personagens e o universo retratado é percebido e apreciado pelos leitores deste universo.

- **Estereótipos**

Analisando os dados obtidos com o cruzamento da variável dependente “valorização das personagens centrais” com a variável independente sexo, chegou-se à conclusão que as participantes de sexo feminino são mais consensuais nas suas opiniões do que os participantes de sexo masculino, avaliando favoravelmente todas as 12 personagens deste bloco. Num total de 5 personagens femininas, as raparigas distribuem a sua valorização da seguinte forma: 2 personagens no grau médio; 3 personagens nos graus superiores. Por sua vez, num total de 5 personagens masculinas, os rapazes distribuem a sua valorização da seguinte forma: 1 personagem no grau inferior; 2 personagens no grau médio; 2 personagens nos graus superiores. É importante referir que as 2 personagens femininas colocadas pelos rapazes no grau intermédio têm também elevadas frequências nos graus inferiores, revelando que globalmente a apreciação dos rapazes espelha a pouca importância atribuída a essas figuras. Fazendo a mesma análise e para um total de 7 personagens masculinas, tanto as raparigas como os rapazes distribuem a sua valorização da seguinte forma: 1 personagem no grau médio; 6 personagens nos graus superiores. Conclui-se que os jovens de sexo masculino valorizam de forma positiva preferencialmente as personagens masculinas, enquanto as jovens

de sexo feminino tendem a equilibrar esta escolha, valorizando as personagens femininas e masculinas de forma semelhante, isto é, confirma-se a hipótese 1.

Na questão referente à escolha de adjectivos que melhor caracterizam algumas personagens da série, verifica-se que as personagens femininas são adjectivadas preferencialmente tendo em conta significações afectivas e que, de certa forma, se relacionam com um papel mais passivo e mais fraco se compararmos com os itens do estereótipo masculino. Para Neto (2002, p. 141), “existe a crença de que homens e mulheres diferem significativamente na sua maquilhagem psicológica”, e relativamente ao estudo dos estereótipos de género em vários países, este revelou que “o estereótipo masculino ser mais forte e mais activo que o estereótipo feminino”.

Mesmo analisando esta escolha separadamente por rapazes e raparigas, conclui-se que ela tende a recair sobre estes mesmos adjectivos. É interessante verificar que o adjectivo amiga+ é usado para caracterizar três das quatro personagens femininas, assim como o adjectivo inteligente+. De igual forma, o adjectivo simpática+ e meiga+ repetem-se em duas destas personagens. É igualmente interessante o facto de os participantes valorizarem preferencialmente qualidades como a meiguice, a amizade, a simpatia, a sensibilidade das personagens femininas, e não tanto outras qualidades de significação mais forte. As raparigas valorizam o adjectivo inteligente da personagem Hermione, sendo este um dos três adjectivos mais escolhidos por estas participantes, enquanto, por exemplo, os rapazes privilegiam o lado mais sensível desta personagem, sendo igualmente este um dos três adjectivos mais escolhidos por eles.

Por outro lado, ao analisar os dados obtidos neste mesmo bloco em relação aos adjectivos mais usados para caracterizar as personagens masculinas, isto é, ao analisar os adjectivos mais usados na totalidade por rapazes e raparigas e também ao analisar esta escolha separadamente por participantes do sexo feminino e masculino, conclui-se que existem 3 personagens que maioritariamente são caracterizadas com adjectivos valorizados negativamente: a personagem Dobby, que representa o escravo e, como tal, é uma personagem efectivamente fraca, e também os dois vilões da série, principalmente o inimigo de Harry Potter, Severus Snape.

Ao observarmos os adjectivos seleccionados para caracterizar as figuras masculinas, conclui-se que a escolha recai sobre adjectivos com significações afectivas fortes, tal como aventureiro, corajoso e poderoso. Mesmo os adjectivos valorizados negativamente, casos de cruel-, antipático- e vingativo-, são adjectivos de significação forte. Ao comparar as escolhas para as figuras femininas e masculinas, chega-se à conclusão que os adjectivos escolhidos são bem distintos e confirmam estereótipos de género por parte dos sujeitos inquiridos, eventualmente presentes na forma como os livros também perspectivam essas personagens. Os sujeitos tendem a privilegiarem características como a afectividade e a simpatia nas mulheres, enquanto qualidades como o poder e a força são resgatadas pelas personagens masculinas. Interessante também é o facto de o adjectivo inteligente+ ser um dos três mais

escolhidos para adjectivar três das quatro personagens femininas, enquanto o adjectivo poderoso+ faz parte da adjectivação de duas personagens masculinas.

- **Género**

O bloco 5 do questionário incidiu sobre a posição de concordância ou discordância dos inquiridos em relação a uma sociedade organizada de forma semelhante ao que acontece nos livros Harry Potter. Da análise do cruzamento da variável dependente “opinião perante questões de género” com as variáveis independentes sexo e religião, concluiu-se que há uma diferença significativa entre as opiniões de rapazes e raparigas. Desta forma, verificámos que relativamente à opinião das participantes femininas, estas tendem a concordar com as afirmações que apelam à igualdade entre géneros, e a discordar das afirmações que pressupõem supremacia do género masculino, se bem que nas duas primeiras afirmações as jovens muçulmanas tenham maior frequência no grau intermédio, “nem concordo nem discordo”.

Assim sendo, e tendo em conta que as restantes escolhas das participantes muçulmanas vão ao encontro do que referimos acima, justificamos esta maior frequência no grau intermédio no item “*As escolas devem ser lideradas por homens*” com o facto de que estas participantes têm idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, isto é, são as participantes mais velhas que manifestam opiniões mais indiferentes. No item “*Devem existir jogos de equipas mistas, tal como o Quidditch*”, justificamos a maior frequência das participantes muçulmanas no grau intermédio com o facto de provavelmente se distanciarem dos assuntos que se relacionam com o desporto. Os rapazes, por seu turno, tendem a concordar com as afirmações que apelam à igualdade entre géneros; no entanto, relativamente às afirmações que pressupõem supremacia do género masculino, afastam-se da posição das raparigas e tendem a concordar com esses itens. Apesar de também no item “*Assim como acontece na colecção Harry Potter, é normal que as personagens masculinas sejam as mais importantes*”, os rapazes católicos e muçulmanos terem maior frequência no grau intermédio, as restantes escolhas recaem decisivamente nos graus concordo e concordo totalmente.

- **Grupo Social**

Da análise do cruzamento da variável dependente “opinião perante questões de classe social” com as variáveis independentes sexo e religião, concluimos que, ao contrário do bloco anterior, no qual as opiniões de raparigas e rapazes se assemelhavam independentemente da religião, neste bloco as opiniões encontram similitudes dependendo da religião. Os sujeitos católicos, rapazes e raparigas, e os sujeitos muçulmanos, rapazes e raparigas, tendem a expressar opiniões idênticas face a afirmações relacionadas com este conceito.

Desta forma, concluimos que os participantes católicos criticam global e negativamente as afirmações que suscitam desigualdade entre classes sociais, mas apresentam posições muito divididas no item “*É saudável que numa escola existam indivíduos de diferentes grupos*”

sociais, assim como acontece em Hogwarts”, ocupando com alta frequência os graus discordo e discordo totalmente (42%), mas também os graus concordo totalmente e concordo (49%).

Destas posições antagónicas podemos referir que globalmente os participantes católicos mais jovens, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, expressam opiniões mais desfavoráveis às relações inter-classes e à interculturalidade, enquanto os participantes católicos com idades entre os 13 e os 18 anos estão maioritariamente de acordo com a afirmação formulada, o que pressupõe que esta posição varia definitivamente com a idade dos sujeitos, sendo os católicos mais jovens os menos favoráveis à interculturalidade.

Relativamente aos participantes muçulmanos, verificamos que globalmente estão de acordo com a afirmação do item *“É saudável que, numa escola existam indivíduos de diferentes grupos sociais, assim como acontece em Hogwarts”*, afastando-se da opinião dos participantes católicos, e estão também maioritariamente em desacordo com as afirmações dos itens *“É natural que a um indivíduo como o Dobby sejam retirados todos os privilégios”* e *“É aceitável que um indivíduo como o Hagrid seja um professor pouco respeitado”*, que pressupõem desigualdade entre classes sociais, se bem que a maior frequência de resposta se encontra no grau intermédio, o que se explica mais uma vez com o factor idade, isto porque são os participantes com mais idade que apresentam opiniões mais indiferentes. Desta forma e perante esta análise, concluímos que a noção de multi/interculturalidade varia consoante o género e a origem cultural dos participantes.

- **Cultura e identidade**

Da análise do cruzamento da variável sexo e religião com opiniões perante questões de cultura e identidade, podemos concluir que os participantes católicos e muçulmanos de ambos os sexos apresentam neste bloco posições muito semelhantes. Perante as afirmações dos itens *“É benéfico que indivíduos de diferentes origens culturais convivam entre si, tal como acontece em Hogwarts”* e *“É normal que indivíduos de uma dada cultura rejeitem outros de origem diferente, tal como acontece com os tios em relação a Harry Potter”*, formuladas a partir do conceito “Cultura”, todos os participantes apresentam forte unanimidade na resposta, estando de acordo com a afirmação do 1.º item, e em desacordo com a afirmação do 2.º item.

Perante as afirmações dos itens *“Como acontece em Hogwarts, compreende-se que um rapaz como Harry Potter seja considerado por muitos como o amigo que gostariam de ter”* e *“Tal como é apresentado na história, é natural que Harry Potter seja O ELEITO, pois não é um rapaz como os outros”*, formuladas a partir do conceito teórico “Identidade”, os participantes católicos e muçulmanos, independentemente do sexo, partilham também opiniões idênticas, concordando amplamente com as afirmações, se bem que os participantes católicos tenham mais frequência no grau concordo totalmente.

Desta forma, concluímos que os participantes católicos e muçulmanos são favoráveis à interculturalidade e, particularmente perante a questão *“É benéfico que indivíduos de diferentes origens culturais convivam entre si, tal como acontece em Hogwarts”*, de uma forma global os participantes católicos mostram-se em acordo absoluto, afastando-se da posição mais dividida da questão *“É saudável que numa escola existam indivíduos de diferentes grupos sociais,*

assim como acontece em Hogwarts”, do grupo de análise anterior, o que faz pressupor que os participantes católicos são favoráveis à interculturalidade mas mostram-se divididos se ela for apelada dentro da escola, isto é, se este apelo vier de uma realidade mais próxima.

Concluimos também que perante as questões relacionadas com “identidade”, os participantes católicos e muçulmanos mostram-se amplamente de acordo com as mesmas, no entanto também os participantes católicos revelam uma posição de concordância mais consensual, obtendo frequências muito altas no grau concordo totalmente, o que pressupõe uma maior identificação com a personagem principal da série.

O quadro seguinte sintetiza os elementos mais significativos da análise realizada, através do cruzamento dos dados obtidos entre as variáveis dependentes estereótipos, género, grupo social, cultura e identidade, e as variáveis independentes sexo e religião:

Variáveis dependentes	Variáveis Independentes	
	Sexo	Religião
Estereótipos	Os rapazes valorizam positivamente as personagens masculinas e estas são qualificadas com adjectivos de significação forte, enquanto que as personagens femininas são qualificadas com adjectivos de significação mais fraca. As raparigas valorizam de igual forma as personagens femininas e masculinas e qualificam as primeiras com adjectivos de significação fraca e os segundos com adjectivos de significação mais forte.	
Género	Os rapazes são mais conformados com desigualdade entre géneros. Raparigas mais críticas com desigualdade entre géneros.	Muçulmanos e católicos críticos com desigualdade entre géneros.
Grupo Social	Rapazes mais críticos com desigualdade entre classes sociais. Raparigas mais conformadas e indiferentes com desigualdade entre classes sociais.	Católicos e Muçulmanos críticos com desigualdade entre classes sociais. Muçulmanos receptivos à interculturalidade na escola. Católicos muito divididos quanto à interculturalidade defendida num meio social próximo (escola).
Cultura e Identidade	Rapazes mais favoráveis à interculturalidade do que as raparigas que se mostram mais divididas. Rapazes com maior factor de identificação com a personagem Harry Potter.	Católicos e Muçulmanos favoráveis à interculturalidade como benefício de terceiros. Católicos com maior factor de identificação com a personagem Harry Potter.

4. Conclusão

Os livros da série Harry Potter, a par dos quatro filmes realizados e de toda a gama diversificada de produtos comercializados, asseguraram a sedimentação de um verdadeiro império comercial e financeiro. Compreendemos que sendo esta obra traduzida em mais de sessenta línguas e tendo os filmes sido estreados em diferentes países, este é um “produto cultural” chega efectivamente a milhões de crianças, jovens e adultos em todo o mundo. Intrinsecamente, concluímos que a literatura e o cinema podem revelar a identidade de um povo, isto é, os leitores e espectadores que se situam noutros contextos sociais e culturais intuem através das páginas de cada livro desta série, ou pelo ecrã do cinema, em cada filme deste universo particular, uma determinada forma de ser e de estar. Assim sendo, os que seguem de perto as aventuras deste pequeno herói, estabelecem uma determinada forma de relação intercultural, ao “deslocarem-se” criativamente de um contexto cultural para outro.

Compreendemos também que a literatura e o cinema podem igualmente colocar em cena as próprias relações interculturais, apresentando situações ficcionais de coexistência e de interacção entre indivíduos representativos de diferentes grupos sociais e culturais que se distanciam pela nacionalidade, língua, religião, passado e presente, mas que se compreendem e se unem em torno deste embaixador intercultural privilegiado. Para nós, esta dimensão é particularmente visível e interessante no conjunto de livros da colecção que analisámos.

Relativamente ao estudo empírico efectuado verificamos que a percepção do universo Harry Potter, sendo multicultural, apresentando personagens que se diferenciam pela classe social, pela cultura e nacionalidade, varia consoante o género e a origem cultural dos sujeitos que inquirimos. Confirmamos igualmente que os sujeitos masculinos inquiridos valorizam preferencialmente as personagens masculinas, uma vez que efectivamente são aquelas que têm mais destaque e mais protagonismo neste universo, enquanto os sujeitos femininos inquiridos tenderam a sobrevalorizar algumas personagens femininas, tendo equilibrado em graus de importância, personagens masculinas e femininas.

Desta forma, compreendemos que estas participantes ao atribuírem mais valorização a certas personagens femininas, evidenciam uma tendência para uma afirmação de género, uma vez que este aspecto não é resgatado pelo universo Harry Potter, isto é, na série as personagens femininas mesmo que ocupem lugares de poder e de destaque não são perspectivados pelas outras personagens em conformidade com a importância que aparentam ter. De igual modo, esta diferença de estatuto entre personagens masculinas e femininas é percebida pelos leitores e pelos espectadores deste mundo ficcional de forma igualmente diferenciada consoante o género dos sujeitos inquiridos.

Por outro lado, confirmamos também a hipótese que interrogava as potencialidades deste universo multicultural, uma vez que o mesmo é defendido por algumas personagens na série mas também é criticado por outras, e concluímos que face a um cenário que apele à igualdade entre diferentes classes sociais, os leitores deste universo foram receptivos a um ideal intercultural, independentemente de factores culturais que os diferenciavam. Em geral, verificou-se através deste trabalho que o produto cultural Harry Potter é efectivamente muito

conhecido, mais através dos filmes do que dos livros. Compreendemos também que este universo ficcional apresenta determinadas particularidades. Esta série é efectivamente liderada por personagens masculinas, pois são elas que ocupam os lugares de poder e autoridade e são elas que são perspectivadas pelos outros por estas qualidades. Harry Potter é o herói, Voldemort é o mais importante vilão do mundo feitiçeiro, Dumbledore é o reitor da escola de magia e feitiçaria de Hogwarts e um dos mais importantes feitiçeiros deste mundo, Severus Snape é o professor de Hogwarts que mais se destaca na série por tudo aquilo que faz para aparentemente prejudicar o pequeno aprendiz, Harry Potter. Na verdade, as personagens mais interessantes neste mundo são personagens masculinas, do mesmo modo que as personagens com mais preponderância na história e aquelas que desempenham papéis de maior importância são efectivamente masculinas. Convém recordar, a este propósito, as palavras de Margaret Meek (2003) em relação à representação destes aspectos na literatura e nos filmes para os mais novos: “masculinity and femininity are not simply neutral. Instead, these attributes are historical, social and cultural constructions of their time and place. Thus gender is an aspect of the ways stories are told, and the way a reader is invited to view the world the author or filmmaker has created”.

Numa outra análise, foi-nos dado perceber que a questão de pertença a uma determinada classe é igualmente central. As personagens posicionam-se hierarquicamente consoante a classe a que pertencem. Os “sangue puro” são efectivamente aqueles que mais poder reclamam e relegam para planos secundários os “meio sangue” e os “muggles”, isto é, aqueles que não têm somente sangue feitiçeiro. Podemos verificar também que os elfos domésticos, ou mais especificamente, os escravos do mundo feitiçeiro, vivem sem o direito a qualquer regalia e privilégio. A par dos elfos domésticos, este mundo ficcional discrimina também todos aqueles que, por uma razão ou outra, se afastam da normalidade feitiçeira, casos dos gigantes e dos lobisomens. Face a questões relacionadas com este item, os inquiridos mostraram-se globalmente críticos quando as mesmas suscitavam discriminação. Concluimos que foram os sujeitos mais jovens, particularmente os sujeitos católicos mais jovens, que se mostraram menos críticos, o que nos faz questionar sobre a urgência de debater assuntos relacionados com os benefícios da interculturalidade, sobretudo com as camadas mais jovens.

Por último, e relacionando os resultados obtidos em torno dos conceitos cultura e identidade, concluimos que os sujeitos inquiridos se mostraram mais coesos na opinião favorável à interculturalidade, isto porque os jovens católicos contrariaram a posição mais desfavorável do item do conceito grupo social que avaliava o ideal intercultural num contexto mais próximo, e mostraram-se mais favoráveis quando este ideal é defendido mais abstractamente. Quanto ao conceito identidade, concluimos que de uma forma geral todos os participantes revelaram uma forte identificação com a personagem principal, Harry Potter, particularmente os rapazes católicos mais jovens.

Embora estejamos conscientes do alcance limitado do estudo que efectuámos, consideramos todavia que a nossa investigação permitiu alcançar dados interessantes sobre a

amplitude do fenómeno Harry Potter e sobre a forma como se processa a recepção do universo peculiar que é retratado nos seus livros. Mas sendo esse um universo marcado profundamente pela fantasia, não deixa também de ser, como verificámos, um mundo que se reporta de certa forma a aspectos da realidade em que vivemos, apresentando problemas que são temas da nossa actualidade. Nesse sentido, os livros e os filmes da série Harry Potter poderão igualmente constituir elementos de debate (designadamente nas escolas) sobre as questões da diferença, da identidade e da interculturalidade, representando para os seus jovens leitores uma forma de reflexão sobre temas que ocupam um lugar central na sociedade actual.

Referências bibliográficas

1. Obras de J. K. Rowling

Harry Potter e o Cálice de Fogo, Lisboa: Editorial Presença.

Harry Potter e a Pedra Filosofal, Lisboa: Editorial Presença.

Harry Potter e a Câmara dos Segredos, Lisboa: Editorial Presença.

Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, Lisboa: Editorial Presença.

Harry Potter e a Ordem de Fénix, Lisboa: Editorial Presença.

Harry Potter e o Príncipe Misterioso, Lisboa: Editorial Presença.

2. Geral

BIRCH, David (1991). *The language of drama*, London: Macmillan.

BLACK, Sharon (2003). 'The Magic of Harry Potter: Symbols and Heroes of Fantasy', *Children's Literature in Education*, 34(3), Septemper (237-247).

BLAKE, Andrew (2002). *Irresistible rise of Harry Potter – Kid literature in a globalise world*, London: Palgrave Macmillan.

CASELLI, Daniela (2004). 'Reading Intertextuality: The Natural and the Legimate: Intertextuality in Harry Potter', In Karín Lesnik-Oberstein (ed.), *Children's Literature: New Approaches*, London: Palgrave Macmillian, pp. 168.188.

COCKRELL, Amanda (2002). 'Harry Potter and The secret Password: Finding Our Way in the Magical Realm', In Lana A. Whited (ed.), *The Ivory Tower and Harry Potter - Perspectives on a Literary Phenomenon*, Columbia: University of Missouri Press.

CRESPO, M^a Isabel Borda (2003). 'Verdad y Ficción tras el Fenómeno Cultural de Harry Potter', *Lazarillo*, 10 (42-50).

CUCHE, Denys (1999). *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa: Fim de Século.

De ROSA, Deborah (2003). 'Wizardsly Challenges to and Affirmations of the Initiation Paradigm in Harry Potter', In Elisabeth E. Heilman (ed.), *Harry Potter World: Multidisciplinary Critical Perspectives (Pedagogy and Popular Culture Series)*, New York: Taylor & Francis Books, Inc.

- ECCLESHARE, Julia (2002). *A Guide to the Harry Potter novels*, Continuum International Publishing Group.
- GIL, Fernando (2000). 'Representar', In Fernando Gil (coord.), *Enciclopédia Einaudi – Conhecimento*, vol.41, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- GRIMES, M. Katherine (2002). 'Harry Potter: Fairy Tale Prince, Real Bot, and Archetypal Hero', In Lana A. Whited (ed.), *The Ivory Tower and Harry Potter - Perspectives on a Literary Phenomenon*, Columbia: University of Missouri Press.
- GUPTA, Suman (2003). *Re-reading Harry Potter*, New York: Palgrave Macmillan.
- HELD, Jacqueline e HELD, Claude (1978). 'Para um Fantástico Moderno', In GFEN, *O Poder de Ler*, Porto: Civilização (pp. 115-125).
- HOURIHAN, Margery (1997). *Deconstructing the Hero*, London and New York: Routledge.
- LURIE, Alison (2003). 'Los riesgos de Harry Potter', In *niños e niñas eternamente. Los clásicos infantiles desde Cenicienta hasta Harry Potter*, Madrid: F.G.S.R., pp. 141-151.
- MEEK, Margaret (2003). 'Ways of Being Male', In *Books for Keeps*, 141, July <http://www.booksforkeeps.co.uk/141/283> (acedido em 13-08-05)
- MIYAJI, Jolene e OGG, Jenn (2003). 'The Librarian's Role in the Censorship Issues of Folklore and Harry Potter'. Philosophical Position Paper. <http://www2.hawaii.edu/~jogg/harry.htm> (acedido em 25-03-05)
- MOSCOVICI, Serge (2001). *Social Representations – explorations in Social Psychology*, New York: New York University Press.
- NATOV, Roni (2002). 'Harry Potter and the Extraordinariness of the Ordinary', In Lana A. Whited (ed.), *The Ivory Tower and Harry Potter - Perspectives on a Literary Phenomenon*, Columbia: University of Missouri Press.
- NETO, Félix (1998). *Psicologia Social*, vol. I, Lisboa: Universidade Aberta.
- (2002). *Psicologia Intercultural*, Lisboa: Universidade Aberta.
- NIKOLAJEVA, Maria (2003). 'Harry Potter – A Return to the Romantic Hero', In Elisabeth E. Heilman (ed.), *Harry Potter World: Multidisciplinary Critical Perspectives*, New York: Taylor & Francis Books, Inc.
- PHARR, Mary (2002). 'In Media Res: Harry Potter as Hero-In-Progress', In Lana A. Whited (ed.), *The Ivory Tower and Harry Potter - Perspectives on a Literary Phenomenon*, Columbia: University of Missouri Press.
- VION, Roger (1992). *La communication verbale. Analyse des interactions*, Paris: Hachette.